

AHMA – EXPOSIÇÕES DOCUMENTAIS ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE ALMADA

12.ª EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL :

“Lendas e outras Tradições em Almada”

Texto de Apoio

CASA PARGANA
Rua Visconde Almeida
Garrett, 12 – Almada

•••

22 de Março de 2007
a
15 de Setembro de 2007

•••

Visitas guiadas
e palestras por
marcação
(Tel.: 212724900)



DIVISÃO DE ARQUIVO HISTÓRICO E HISTÓRIA LOCAL
DEPARTAMENTO DE CULTURA
DIRECÇÃO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL



ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL

Ficha Técnica:

«Lendas e outras tradições em Almada»,
12.ª Exposição Documental

Organizada pela:
Divisão de Arquivo Histórico e História Local
Departamento da Cultura – DMDS
Câmara Municipal de Almada.

22 de Março de 2007 a 15 de Setembro de 2007
© Câmara Municipal de Almada, 2007.

Exposição e Texto de apoio:

Coordenação
 Alexandre Flores
Recolha de Textos
 Alexandre Flores
 Luís Barradas
Ilustrações
 Victor Borges

Reservados todos os direitos

Não é permitida a reprodução dos textos e das ilustrações sem autorização prévia e escrita dos serviços do Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Almada. Exceptua-se a transcrição de breve passagens, com citação da fonte, destinadas a trabalhos da comunidade educativa.

APRESENTAÇÃO

Lendas e outras tradições em Almada é o título da 12ª exposição documental do Arquivo Histórico Municipal, patente ao público, de Março a Junho de 2007.

Considerando a grande procura de elementos sobre esta temática por parte do público, em especial, do sector do ensino, o Arquivo apresenta um conjunto de lendas, divulgadas em escritos já publicados por vários autores. Além das lendas, com ilustrações de Victor Borges, a mostra divulga também outras curiosidades da tradição popular, contadas e recontadas através dos tempos. São narrações de fantasia e de história, quase sempre localizadas em pessoas, épocas e locais desta região. Este texto de apoio, que apenas reproduz as lendas, tem como objectivo contribuir para o conhecimento de narrativas tradicionais, imaginadas e vividas na comunidade.

A Câmara Municipal pretende, com esta singela publicação, dar a conhecer uma parte da identidade das tradições aos educadores de infância, professores e aos mais novos que nunca ouviram ou leram estas histórias.

«LENDA DA COSTA DE CAPARICA



Quem, em Lisboa e arredores, não conhece a Costa de Caparica, esse extenso areal que nos fins-de-semana de Verão acolhe como uma mãe milhares de corpos em busca de sol e mar. Mas quantas dessas pessoas conhecerão na realidade a história que deu o nome ao areal onde estendem os corpos e distendem os espíritos nos quentes dias de Verão, depois de longas horas de espera nas bichas das camionetas que as levarão ao rectângulo exacto das suas toalhas de praia?

Pois tudo começou numa tarde, há longos anos, uma tarde calma e branca de calor em que o sol teimava em deixar-se morrer lá para o outro lado do mar. Nessa tarde, olhando a bola de fogo que inevitavelmente ia mergulhando no mar, estava a menina sentada na rocha. Parecia não ter pressa, como quem detém o segredo do fluir do tempo fechado na sua mão; mas podia, também, estar apenas à espera de alguém.

Há já um grande bocado que o velho a observava, e ela nem dera por isso. E o velho esperou que viesse alguém que não veio. O sol morreu, o dia ficou anil e a

menina ali, sentada embrulhada na sua capa. O velho perguntou-se pela milésima vez quem seria aquela criança e, falando alto, disse:

- Quem esperas tu, menina?
- Ninguém! Estou sozinha!
- Como te chamas?
- Não sei. Costumam chamar-me Miúda.
- Olha, Miúda, porque estás sozinha?
- Também não sei. Estive sempre assim.
- Onde vens?
- Venho da estrada. Só conheço os caminhos. Por onde passo dão-me de comer.
- E essa capa, quem ta deu, Miúda?
- Tive-a sempre. É a única coisa que tive sempre.

O velho estava admirado. Como era possível que uma menina tão pequena andasse pelo mundo sem eira nem beira, sem saber sequer - o seu nome. Teve pena da Miúda e teve pena de si. Também ele era só.

- Queres ficar comigo, Miúda? - perguntou subitamente.
- Pode ser. E fazemos o quê?
- Tu vais crescendo e eu envelhecendo. Aceitas?
- E moras aqui, ao pé do sol e do mar?
- Aqui mesmo. Ali, naquela casinha no alto do monte - indicou o velho.
- Bem, então fico contigo.

E ficaram juntos, ele a envelhecer, ela a crescer. Viviam com o que havia: o sol, o mar, os mariscos das rochas. Ele ensinou-lhe a falar a Deus, esse Deus que todas as manhãs aparecia resplandecente ou encoberto e pela tarde adormecia enterrado no mar ou na serra. Ela ensinou-lhe a olhar as coisas como se em cada dia fossem outras e novas.

Mas um dia o velho achou que era tempo de ir-se embora. Pediu à Miúda a capa dela porque tinha frio. Ela pôs-lhe a capa sobre o corpo estendido no catre, deu-lhe a mão e deixou-se dormir juntamente com ele. Só que, quando ela acordou, ele não respondeu à sua chamada e já não foram juntos cumprimentar o sol.

A Miúda não chorou. Sentiu falta do seu velho companheiro, mas... ela sabia que a sua vida era estar só, sabia que só o momento era companheiro. Por isso ela não chorou. Enterrou o velho numa sepultura perto da igreja da Senhora do Monte e deixou de chamar-se Miúda. Escolheu para si o nome de Mulher.

Na velha casa do velho passou a viver a Mulher, solitária. A sua vida era ainda a mesma vida de antes, com o Sol e o mar, a Lua e as nuvens. O seu alimento, os mariscos. As suas vestes, a velha capa. Todos os dias subia ao alto do monte e rezava. Não entrava na igreja porque a sua abóbada era o céu, os pilares as árvores, o altar o mar. Junto do túmulo do seu velho amigo pedia a Senhora do Monte que deixasse o mundo sempre belo e cheio de gente que ela pudesse olhar e ver. E a Mulher viveu na velha casa do velho companheiro, tantos anos que lhe perdeu a conta porque nunca os contou. Era solitária mas não estava só. De dentro de si brotava a luz do sol e da lua que bebera todos os dias e todas as noites da vida.

Certo dia, reparou que a gente da zona começava a olhá-la estranhamente, como se tivesse medo dela. Não atinava porque, porque ela nada mais era do que Mulher, velha e solitária, a Mulher da capa que afinal todos conheciam desde sempre. E agora ouvia dizer baixinho, quando descia a aldeia: «Bruxa, bruxa!»

Entristeceu. Entristeceu porque desconhecia que o desconhecido mete medo às pessoas. Porque não sabia que os solitários são estrangeiros, e, como estrangeiros, estranhos, e, porque estranhos, mágicos e poderosos.

E porque não sabia que de dentro de si saía uma luz desconhecida quando no alto do monte erguia os braços ao Sol ou à Lua na sua saudação diária. E as pessoas foram contar ao Rei, que como senhor das gentes tem de ser dono das mentes. E o Rei mandou chamar a Mulher:

- Mulher, dizem que és bruxa!

- Real senhor, já sou só uma velha.

- Dizem que és poderosa, que fazes ouro e malefícios?!

- Oh, meu senhor! Sou tão pobre que só tenho esta capa desde que nasci.

Quedou-se o Rei a pensar. Olhou a Mulher e viu que era verdade. Mandou-a embora com vergonha de ter visto o que os outros não tinham visto.

O tempo fluiu como passam os dias e as noites. O mundo todos os dias foi sendo outro e outro. Só as gentes não mudaram o seu pensar e, por isso, um dia, quando souberam da morte da Mulher pelo dobre dos sinos da Senhora do Monte, acorreram à velha morada, cheias de curiosidade. Ali estava o corpo da Mulher, agora sim, só, estendido no mesmo catre que servira ao velho companheiro. Sobre o corpo a velha capa, sobre a capa um papel, para o rei. Nesse papel ela dizia:

«Meu senhor, deixo-vos a capa que tenho desde que nasci. Encontrei nela todo o ouro que diziam que eu tinha: foi o meu velho companheiro que, antes de se ir embora, aí o meteu. Eu nunca o tinha visto e agora que vi não preciso dele. Utilizai-o nesta terra para que todos tirem dele o que mais desejarem. Afinal, a minha capa era uma capa rica. Que o meu Deus vos abençoe.»

Calaram-se as gentes, porque há momentos em que só o silêncio é dono das vontades. Talvez, quem sabe, se tenha calado o mar, por um momento, ou tenha marulhado, pela Mulher, uma oração ao Sol.

Foi assim que esse areal, hoje pejado de corpos nos Verões do tempo, tomou o nome de Caparica, em memória de uma Mulher que ali apareceu um dia, quando era Miúda, vinda dos caminhos da terra, coberta por uma capa já velha».

LENDA «DOS FESTEJOS A S. JOÃO EM ALMADA



[...] Diz a lenda que um destemido batalhador da hoste de D. Afonso Henriques, conhecido pelo nome de João Tiago, se enamorara de uma encantadora jovem maometana, que havia sido aprisionada por ocasião da tomada de Santarém, em Março de 1147, e que mantinha relações com diversas famílias da sua raça existentes nesta vila, então sob o poder dos filhos de Alah.

João Tiago, auxiliado pela agarena, planeou desde logo a conquista de Almada.

Comunicou a D. Afonso Henriques o seu intento e marcou o dia 23 de Junho para o assalto.

Com efeito, na madrugada do dia 22, saíram de Santarém, em bateis, João Tiago e a moura vestidos de profetas, acompanhados de grande número de cavaleiros cristãos, disfarçados em trajes mouriscos.

Os bateis, lindamente engalanados, deslizaram sobre as mansas e cristalinas águas do Tejo e de velas enfunadas tomaram o rumo de Almada...

Velejaram dia e noite.

No dia seguinte, uma segunda-feira, de manhã, João Tiago e os seus denudados companheiros desembarcavam no sítio então denominado Ribeiros, hoje Ginjal. Era uma luminosa a sorridente manhã, cheia de perfumes a trinados. O sol rutilava jucundo nas adagas e alfanges dos valentes cristãos.

Na atmosfera translúcida voavam bandos de pombas de plumagem multicores.

No Tejo, levemente enrugado por uma brisa fagueira, espelhava-se o azul imaculado do céu.

Pelos laranjais em flor os pássaros chilreavam alegremente.

Dir-se-ia que a natureza se associava a esta aventura épica dos portugueses. Chegados que foram ao castelo, no alto do qual flutuava o crescente muçulmano, entoaram as mais lindas e melodiosas canções mouriscas. Os maometanos, julgando-os seus irmãos d'armas que com eles vinham festejar a véspera do Precursor, receberam-nos com grandes demonstrações de entusiasmo, dando-lhes franca entrada na fortaleza.

De súbito, ressoa o grito de guerra; - São Tiago e Portugal.

A confusão que se estabelece é indiscriminável. Os portugueses, arrancando das adagas a dos alfanges, arremetem de chofre contra os mouros. Estes, embora colhidos de surpresa, resistem heroicamente.

De parte a parte fazem-se prodígios de valor.

A carnificina é enorme, medonha.

Os agarenos vêm-se perdidos. Abandonam o castelo e fogem para o campo da Ramalha, nos aros da vila.

João Tiago persegue-os.

Na Ramalha trava-se combate. A luta, encarniçada, feroz, dura há perto de cinco horas. Os portugueses, exaustos, acabrunhados, começam a fraquejar. João Tiago invoca o padroeiro das Espanhas e de espada em punho manda avançar. É ele quem dá o exemplo. A sua espada abre clareiras enormes nas fileiras mauritanas.

O embate é terrível, horroroso. Pelos ares reboam imprecações de ódio estranhos, confusos, com gritos de aves nocturnas. Os muçulmanos espavoridos, deitam a fugir.

O campo, tinto de sangue, está juncado de feridos e de cadáveres.

João Tiago, com olhos cheio de lágrimas, grita vitorioso: - Portugal! Portugal!

Na orla extrema do horizonte, entre nuvens de ouro e púrpura, o Sol agonizava.

Ao outro dia - dia do grande Santo - no alto da alcáçova já tremulavam ovante a sagrada bandeira das quinas.

Almada estava definitivamente na posse dos cristãos [...].».

Fonte: Luís de Queirós - «Festejos a S. João Baptista», *Voz do Tejo*, Almada, n.º 2, 16 de Junho de 1956, p. 7.

Nota: esta lenda também foi publicada por Duarte Joaquim Vieira Júnior, no *Jornal Puritano*, em 1895.

«PORTO BRANDÃO



O Porto Brandão era uma das terras onde se construíam os barcos para as grandes viagens à Índia, Brasil e às restantes partes do Mundo onde os portugueses iam negociar.

A sua população era composta na sua maioria por carpinteiros das naus, e entre eles havia um rapaz forte, de vinte anos talvez, chamado Brandão que namorava a filha do governador do lugar. Mas este, homem ambicioso já a havia prometido a um negociante que se encontrava na Índia, certo que assim a sua fortuna aumentaria, pois o futuro genro só passaria com esse casamento a fazer negócio consigo. Por isso não será para estranhar que o mau pai ao saber do namoro da filha com o Brandão ficasse furioso, pois a sua Paulina iria para onde ele quisesse e só casaria com o seu indicado, gostasse dele ou não.

Assim um belo dia, de combinação com um comandante tão bom como ele, embarcou a filha para a fazer seguir para a Índia conforme já combinara, sem se

importar com as suas lágrimas. Mas o Brandão estava alerta e pela calada da noite, mete-se numa embarcação a remos, e ei-lo a caminho da nau a fim de raptar a sua noiva. Porém é descoberto a bordo pelo feroz comandante que o manda matar, lançando o seu corpo ao rio. E quando o cadáver é coberto pelas águas, outro corpo se lança também a caminho da morte, - é Paulina. Dias depois, os dois corpos dão à praia - Paulina na pequena praia do Lazareto, que se passou a chamar Porto da Paulina, e que ainda hoje em alguns documentos oficiais assim é chamado.

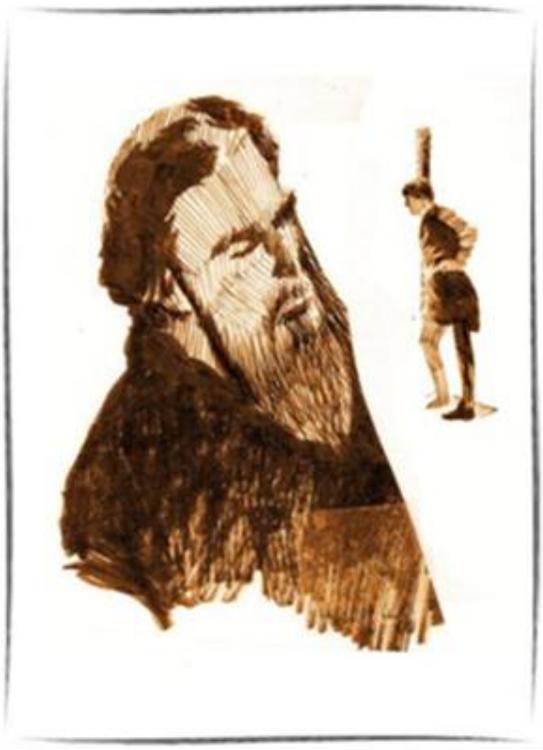
E o infeliz Brandão à outra praia que ainda hoje se chama - Porto Brandão.

Assim aqueles que em vida não se uniram, passaram através dos tempos a viver a par.

Esta é uma das lendas da nossa terra que temos ouvido contar aos nossos antepassados».

Fonte: *Praia do Sol*, Costa de Caparica, n.º 48, 1 de Março de 1952, p. 3.

«MURFACÉM



Não vamos contar as lendas das mouras encantadas que, no dizer de alguns, viviam nas trinta e tantas cisternas que ali existiram, algumas das quais de dispendiosa construção.

Deve-se essas cisternas, no dizer dos historiadores, aos árabes que habitaram por longo tempo essa povoação que, nesse tempo não sabemos se seria grande ou pequena. O que é um facto, é que antes do terramoto de 1755, há uns duzentos anos ainda Murfacém era uma das principais povoações da freguesia de Caparica. Pois esta tinha cinco lugares que por sua vez se dividiam em vários povoados «lugar» era para os antigos vocábulo de maior importância do que povoação, ao contrário de hoje.

Dito isto, diremos ainda que Murfacém como lugar, tinha 4 povoações PERA, pequena ainda como é hoje; MURFACÉM propriamente dita; PORTINHO DA COSTA, junto ao Tejo e a TRAFARIA com companhas de pesca e já um presídio. E assim entende-se, que se a Trafaria já era importante como porto de pesca, e ainda pelo facto de ter um presídio, Murfacém era de mais valia pois era essa povoação a cabeça do «lugar».

E assim nos tempos remotos, Murfacém, na história ou na lenda, foi uma das povoações mais destacadas do concelho de Almada. Hoje, porém, lá do alto contempla a sua amiga e vizinha Trafaria da qual depende desde o dia 7 de Outubro de 1926 em que foi criada pelo decreto n.º 12.432 a freguesia da Trafaria. Dissemos em princípio que não ia-mos falar das lendas das mouras encantadas, no entanto vamos tratar da lenda que dizem que dá origem ao seu nome; - Murfacém, conforme já dissemos, era um dos pontos do nosso concelho onde os árabes mais fizeram e habitaram, porém, a terra onde moravam não tinha nome pois eles pouco se preocupavam com isso, ou pelo contrário, havia tantos nomes que não sabiam por onde escolher. E então dizem que existindo no povoado um barbeiro que além de «fazer a barba e cortar o cabelo» aos seus clientes era como grande parte dos seus colegas de então - «barbeiro-curandeiro».

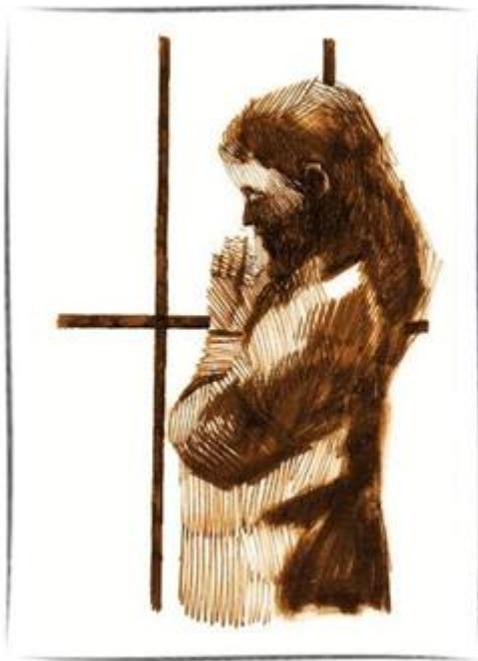
Porém, não só tratava as feridas do corpo, como as da alma, e os seus bons conselhos eram escutados com atenção, pois jamais o viram praticar um mau acto, ou dar um mau conselho fosse a quem fosse. Não tinha inimigos e o seu vasto saber fazia dele como que o conselheiro de toda a gente que ali habitava

A todos recebia com agrado e a todos ensinava para que se amassem uns aos outros, acabando assim com as questões e tomando aquela terra como um pequeno paraíso.

A sua morte foi fortemente sentida por toda a gente que o estimava e respeitava como a uma pessoa de família, e então resolveram - e muito bem - dar à terra onde ele tanto fizera o nome de MO-HA-CEM que quer dizer em árabe barbeiro.

E foi assim deste Mo-hà- cem que nasceu o Murtacém de hoje. Assim nos diz a lenda».

«FONTE SANTA



No tempo em que os mouros eram os senhores de quase todo o nosso querido Portugal, Caparica também lhes pertencia. E a nossa terra não era como é hoje. Havia muito menos casas e por conseguinte mais campos.

Calculem lá vocês que a Fonte Santa era uma das maiores povoações - não se ponham a rir que é verdade, e está escrito nos livros.

Pois muito bem é a propósito mesmo da Fonte Santa que eu lhes vou contar esta história.

Aquilo era um largo enorme com casas em volta, pouco mais ou menos como é hoje o Porto Brandão, onde não faltava uma bonita Capela. Era ali no largo que se juntavam os garotos da vossa idade a brincar.

Mas vamos a diante; - um dia apareceu conjuntamente com as outras, uma menina muito bonita, de olhos tão meigos e palavras tão doces que, tinha o condão de captar a simpatia de quem dela se aproximava. Não tinha mãe e vivia com as criadas e o pai, e este em contrapartida era muito mau e orgulhoso, e quando lhe foram dizer que a menina vinha brincar com as outras garotas ficou furioso, e para castigo mandou-a encerrar na torre do Castelo Picão.

Muito chorou a menina. mas nada lhe valeu.

As outras meninas sentindo a sua falta, iam brincar para perto da dita torre para ver

se a distraíam - mas qual quê?

Metida naquelas paredes a prisioneira ia passando os seus tristes dias, e assim com saudades das suas colegas definhava-se lentamente, entretendo-se apenas com as suas orações ou a ver desenhos que uma sua aia muito sua amiga lhe levava.

E assim se passaram alguns meses, até que um dia a menina não apareceu às grades da sua prisão. Procurou-se saber o motivo que foi este - a menina tinha morrido.

Todos os meninos sentiram a perda da sua amiguinha que lá do alto da sua prisão lhes dizia adeus com a branca mãozinha. Muito tristes foram todos sentar-se onde ainda na véspera brincaram satisfeitos, quando de repente olharam uns para os outros pasmados, - no sítio onde a menina brincava com eles antes do pai a enclausurar, da terra saía um fio de água tão límpida como as lágrimas que brotavam dos olhos da sua amiguinha ao sentir-se presa sem razão.

E foi assim que o povo começou a chamar àquele local, recordando aquela bondosa menina - a Fonte da Santa, e que hoje se chama apenas FONTE SANTA.

Esta é uma das muitas histórias da nossa terra, por isso espero que tenham gostado».

Fonte: *Praia do Sol*, Costa de Caparica, n.º 48, 1 de Março de 1952, p.3.

Outras Tradições divulgadas na exposição:

- Devoção à imagem de N.ª Sr.ª do Castelo;
- Festa popular da Ramalha;
- Porto Brandão e a origem da sua festa;
- A Senhora do Bom Sucesso;
- As Festas na Quinta de S. Francisco dos Matos;
- Mina ou «Fonte» da N.ª Sr.ª da Rosa;
- Burricadas;
- Folguedos carnavalescos;
- Serração da Velha;
- Cegadas;
- Enterro do Bacalhau;
- Forca do Judas;
- A Maia;
- Touradas em Cacilhas;
- D. João VI e a «Casa da Coroa»;
- Caparica;
- Como nasceu o nome de Caparica;
- Fonte da Pipa;
- Círios do Cabo;

Referências documentais

- ARCOS, Conde dos - *Caparica através dos séculos*. Almada: Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal, 1972. pp. 57-58.
- BARÃO, Fernando - «A Burricada». in *Jornal de Almada*. A. 32, n.º 1849, 31 de Outubro de 1986, pp. III e VII.
- BARÃO, Fernando - «Cacilhas: as suas tradições, os seus valores». in *Jornal de Almada*. n.º 1797, 1 de Novembro de 1985, p. VIII.
- BARÃO, Fernando - *Cacilhas: Memórias soltas*. Almada: Câmara Municipal, Ginásio Clube do Sul e Junta de Freguesia de Cacilhas, 1994.
- BRAGA, Teófilo - *Contos tradicionais do povo português*. vol. I. 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- «Como nasceu o nome de Caparica?». in *Praia do Sol*. n.º 46, 1 de Fevereiro de 1952, p.1.
- ANTÓNIO, Correia - *As Burricadas* (opúsculo). Almada: Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal, 1976.
- ANTÓNIO, Correia - *Divagando sobre Caparica: pedaços da sua história*. Almada: Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal, 1973. pp. 110-113.
- [CORREIA, António] - «As festas na Quinta de S. Francisco dos Matos». in *Praia do Sol*. n.º 50, 1 de Abril de 1952, p. 4.
- [CORREIA, António] - «Murfacêm». in *Praia do Sol*. n.º 51, 15 de Abril de 1952, p. 4.
- [CORREIA, António] - «Porto Brandão». in *Praia do Sol*. n.º 48, 1 de Março de 1952, p. 3.
- [CORREIA, António] - «Porto Brandão e a origem da sua festa». in *Praia do Sol*. n.º 87, 1 de Setembro de 1954, p. 2.
- DIAS, Joaquim - «A Senhora do Bom Sucesso». in *Agenda Cultural*. Almada: Câmara Municipal. Novembro/Dezembro de 1967, pp. 7-9.
- FLORES, Alexandre M. - *Almada Antiga e Moderna: Roteiro iconográfico*. 3 volumes, Freguesias de Almada, Cacilhas e Cova da Piedade. Almada: Câmara Municipal, 1985-1990.
- FLORES, Alexandre M. - *Carnaval: abordagem histórico-antropológica*. Almada: «Amigos Cidade de Almada», 1998. pp. 17-22.
- FLORES, Alexandre M. - *Cegadas* (opúsculo). Almada: «Amigos Cidade de Almada», 1998. pp. 3-10.
- FLORES, Alexandre M. (texto); CANHÃO, Carlos (aguarelas) - *Chafarizes de Almada*. Almada: Câmara Municipal, SMAS, 1994. pp. 32 e 98.
- FRAZÃO, Fernanda - *Lendas Portuguesas*. vol. V. Lisboa: Multilar, 1988. pp. 17-22.
- GOUVEIA, António Ferreira de - *O Povo de Cacilhas e a Senhora do Bom Sucesso*. Cacilhas, 1997, (trab. polic.).
- «Lenda», in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Vol. XIV. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, pp. 926-927.
- MARQUES, Gentil - *Lendas de Portugal*. vol. I. Lisboa: Marina Editores, 2000.
- PIMENTEL, Alberto - *A Estremadura Portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1908-1909.
- POLICARPO, António N. - *Memórias da Nossa Terra e da Nossa Gente*. Almada: Junta de Freguesia de Almada, 2005.
- QUEIRÓS, Luís de - «Festejos a S. João Baptista», in *Voz do Tejo*. n.º 2, 16 de Junho de 1956, p. 7.
- Semear Para Unir - *O Associativismo: tradição e arte do povo de Almada*. coord. por Carlos Abreu e Francisco Branco. Almada: Câmara Municipal, 1984.
- VASCONCELOS, J. Leite de - *Etnografia Portuguesa: tentame de sistematização*. vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1941.
- VIEIRA JUNIOR, Duarte Joaquim - «Igreja de Santa Maria». in *O Puritano*. n.º 679, 1896.
- VIEIRA JUNIOR, Duarte Joaquim - *Vila e Termo de Almada*. vol. I. Lisboa: Typographia Lucas, 1896. pp. 94-96.



Promoção de visitas guiadas e palestras a grupos até
20 pessoas às quintas-feiras, das 10.30h às 12.30h,
mediante marcação prévia.

CASA PARGANA
Divisão de Arquivo Histórico e História Local
Rua Visconde Almeida Garrett, 12
2800-014 Almada
Tel.: 212724900 – Fax: 21 2724919
Email: arq.hist.mun@cma.m-almada.pt

AO SERVIÇO DA INVESTIGAÇÃO E DA CULTURA